

---

# PELAS VEREDAS DO GRANDE SERTÃO: A CONTRIBUIÇÃO DA LITERATURA DE GUIMARÃES ROSA PARA UMA EPISTEMOLOGIA DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO – NOTAS INTRODUTÓRIAS

## BY PATHS OF GREAT WILDERNESS: THE GUIMARÃES ROSA LITERATURE CONTRIBUTION FOR THOUGHT EPISTEMOLOGY GEOGRAPHIC - INTRODUCTORY NOTES

Wellington dos Santos Figueiredo<sup>1</sup>

---

**RESUMO:** O presente artigo ilustra a profícua relação entre Geografia e Literatura, ao analisar a obra *Grande Sertão: Veredas* sob a luz do pensamento geográfico. Evidencia-se assim, que a Literatura é uma forma discursiva de geograficidade, bem como se comprova que a Geografia configura-se em uma modalidade de abordagem literária.

**Palavras-chave:** Geografia e Literatura; Pensamento Geográfico; Espaço e Romance; Guimarães Rosa; *Grande Sertão: Veredas*

**ABSTRACT:** This article illustrates the fruitful relationship between Geography and Literature, to analyze the work *Grande Sertão: Veredas* in the light of geographical thought. It is evident therefore that Literature is a discursive form of geographicity and shows up that geography sets in a form of literary approach.

**Key words:** Geography and Literature; Geographical Thought; Space and Romance; Guimarães Rosa; *Grande Sertão: Veredas*

*“Fazer dialogar a geograficidade do romancista e a geograficidade do geógrafo pode ser assim um exercício dos mais estimulantes para a reflexão em Geografia. Uma troca de experiência de espaço tempo das mais ricas. Um cruzamento de olhares deliciosamente produtivo.”*

Ruy Moreira

*“Vivendo, se aprende; mas o que se aprende, mais, é só a fazer outras maiores perguntas.”*

Guimarães Rosa

---

<sup>1</sup> Geógrafo e Pedagogo. Mestre em Comunicação Midiática (UNESP-Bauru). Membro da Diretoria Executiva da Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção Local Bauru – SP. Membro do Comitê Editorial da Revista Ciência Geográfica. Professor da Escola Técnica Estadual “Astor de Mattos Carvalho”, Cabrália Paulista - SP (Centro Estadual de Educação Tecnológica “Paula Souza” – CEETEPS). E-mail: wellington.figueiredo@uol.com.br

Artigo recebido em setembro de 2014 e aceito para publicação em dezembro de 2014..

## UM DIÁLOGO ENTRE GEOGRAFIA E LITERATURA

As relações entre Geografia e Literatura são íntimas e inextricáveis. Ao articularmos Geografia e Literatura, podemos extrair deste rico encontro, fecundas experiências de compreensão do mundo. A investigação das relações entre os textos literários (seus conteúdos e elementos) e os conceitos e categorias geográficas permite-nos descobrir a influência do espaço, na produção das obras e na forma de expressar ideias e representações sobre lugares e territórios, tanto por personagens quanto pelos leitores.

A Geografia, como ciência que estuda e interpreta a espacialidade, busca através do método científico, e de suas categorias específicas que se encontram no espaço: paisagem, região, lugar e território, formas para ler, conhecer e manipular a realidade do espaço seja em relação à paisagem natural ou a criada pelo homem. Fugindo de explicações simplistas e estereotipadas, a Geografia constrói uma visão integrada, holística, articulada dos componentes que integram e interagem no espaço. Dialeticamente, a construção acontece a partir da relação homem-mundo, isto é, o homem tem diante de si o mundo, logo este é revelado enquanto paisagem e, posteriormente, enquanto lugar do sujeito; assim, a construção do conhecimento passa, obrigatoriamente, pela relação dialética materialidade-subjetividade. A Geografia, portanto, é a construção racional e discursiva sobre a Terra e o mundo (VITTE, 2009). Construir conhecimento significa redescobrir o mundo por meio de novas interpretações das categorias analíticas, ou seja, o conhecimento capacita-nos a ir além dos símbolos pré-estabelecidos para recriá-los. Toda essa construção só é possível na categoria do espaço. A paisagem física e o espaço simbólico humano serão os pontos de partida para a construção da análise conjuntural. Afinal, "... é o espaço, e não o tempo, que esconde de nós as conseqüências" (BERGER *apud* SOJA, 1993, p. 116).

A Literatura converte-se em uma dessas interpretações das categorias analíticas da Geografia, pois se transforma em uma forma de compreensão espacial com suas especificidades de linguagens simbólicas, um local onde os personagens manifestam sua existência suas relações subjetivas materializadas. O espaço é a estrutura física e social da história. Segundo Massey (2008), o espaço é produto de inter-relações em diferentes escalas, bem como da vivência e possibilidade plural; assim, entendemos que o espaço é o dado integrador entre Geografia e a Literatura.

Na relação entre Geografia e Literatura, os textos literários apresentam-se como rico material a ser apreciado pelos geógrafos, pois eles evocam a alma dos lugares, no sentido regional, e o cotidiano das pessoas. É no espaço que as personagens materializam sua existência, produzem sua cultura, encarnam o seu ser. Contudo, as particularidades somente são reveladas num recorte espacial em escala regional através das experiências cotidianas do local.

"O espaço em si pode ser primordialmente dado, mas a organização e o sentido do espaço são produtos da translação, da transformação e da experiência sociais." (SOJA, 1993, p. 101)

A narrativa literária dá sentido ao espaço e à história apresentada ao leitor, assim propicia-nos a percepção dos acontecimentos e lugares, servem ao conjunto da obra.

Só podemos entender texto e contexto numa interpretação dialética (CANDIDO, 2000), ou seja, a Geografia não deve explicar o homem pelo contexto ou o contexto pelo homem apenas, mas como ambos se articulam, como estão justapostos no espaço e como transformam esse espaço uma vez que este está em constante modificação (MASSEY, 2008).

Assim, na Literatura quando ocorre uma composição do entorno, caracterizando o cenário regionalmente (seja ele rural, urbano, natural...) e sendo o enredo do texto ficcional ou não, naturalmente ocorre a impregnação de componentes da cosmovisão do autor, escritor ou literato. Tal cosmovisão é resultado da articulação lugar, região e paisagem. Não há neutralidade possível nas obras literárias ou geográficas. As personagens vão expressar sentimentos, ideias, inspirações, juízo de valores, conceituações etc., embutidos na visão do mundo perpassada. É preciso sempre entender que a visão do mundo é uma dimensão política que impulsiona à prática social e, como tal, representa uma força histórica real e concreta.

## **EPISTEMOLOGIA GEOGRÁFICA E LITERATURA: A PERCEPÇÃO DE UMA “GEOGRAFIA ROSIANA”**

A importância desta análise atrela-se ao desenvolvimento de novas perspectivas para compreendermos o mundo, visto que a Geografia, com suas categorias específicas, e a Literatura, enquanto veículo da revelação do mundo pela linguagem e pelo símbolo, interagem-se em diálogo profícuo e interdisciplinar. O presente artigo justifica-se pela tese que defendemos: a Geografia vai além do academicismo e entendê-la por outro viés é fundamental para irmos além do mundo que aí está.

Entendemos que a Literatura de Guimarães Rosa proporciona uma compreensão ampla da Geografia por meio de sua linguagem regional típica; assim, defendemos que existe uma Geografia da Linguagem e que a mesma tem capacidade revelativa de uma dada região.

A Geografia não é uma produção exclusiva de geógrafos e apenas para geógrafos. Mas um conhecimento que, cotidianamente, é transformado em uma “metageografia”, uma vez que o espaço é um elemento comum a todos os grupos humanos e condição primeira para as manifestações sociais, configurando-se em uma entidade real. Para Moreira (2007), o espaço geográfico é o espaço interdisciplinar da Geografia, constituindo-se em um elemento-chave para a compreensão desta ciência (CORRÊA, 1995).

Guimarães Rosa sempre manteve estreito laço com os estudos geográficos. Certa vez, em uma entrevista, ao se recordar de sua infância, confessou seu prazer em “estudar sozinho e brincar de geografia”. Posteriormente, o fascínio pela Geografia seria materializado em suas funções no Itamaraty, onde ocuparia o cargo de diretor de Divisão de Fronteiras e representante do Ministério das Relações Exteriores junto ao Conselho Nacional de Geografia, do IBGE (Monteiro, 2006).

Em seu discurso de posse como sócio-titular da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, sentenciou:

“De início (*sic*), o amor da Geografia me veiu (*sic*) pelos caminhos da poesia – da imensa emoção poética que sobe da nossa terra e das suas belezas: dos campos, das matas, dos rios, das montanhas; capões e chapadões, alturas e planuras, ipuêiras e capoeiras, caatingas e restingas, montes e horizontes; do grande corpo, eterno, do Brasil. Tinha que procurar a Geografia, pois. Porque, «para mais amar e servir o Brasil, mistér (*sic*) se faz melhor conhecê-lo»; já que, mesmo para o embevecimento do puro contemplativo, pouco a pouco se impõe a necessidade de uma disciplina científica.” (GUIMARÃES ROSA *apud* BEZERRA & HEIDEMANN, 2006, p. 16)

A Geografia é uma forma de relação no mundo (MOREIRA, 2002). O pensamento geográfico tem uma abrangência tal que unifica os mais variados discursos, com fundamentação não somente nas diversas concepções historicamente ligadas à Geografia, mas também, nas reflexões originadas de outros saberes, cujo sentido tenha relação com os conteúdos dos temas produzidos pela consciência do espaço. Isso implica, inclusive, numa abertura ao conhecimento tradicional-popular, porque faz parte também do acervo histórico produzido socialmente no contexto da formação cultural de uma sociedade ou de um grupo social. Estão assim, presentes em contextos discursivos, os mais diversificados, além dos estritamente ligados à Geografia, abrangendo desde a pesquisa científica ao texto jornalístico, passando pela Literatura, a ensaísta, o pensamento político...

“A geografia, como sistema de pensamento e ciência, é produto de uma profunda reflexão filosófica que se desenvolve a partir de crises na história da humanidade, mas acima de tudo é o caminho de construir empiricamente respostas filosóficas e existenciais ao papel do homem como ser-no-mundo e que cujo ato transforma a Terra em Mundo, constrói o espaço e a espacialidade, fundamento ontológico do Ser, fundamento do Tempo.” (VITTE, 2009, p. 09)

Para Sevcenko (1983), a Literatura

“(...) não é uma ferramenta com que se engendrem idéias ou fantasias somente para a instrução ou deleite do público. É um ritual complexo que, se devidamente conduzido, tem o poder de construir e modelar simbolicamente o mundo, como os demiurgos da lenda grega o faziam.

É nos livros dos romancistas, que melhor poderemos conhecer certas particularidades da flora e da fauna, e as características de determinados grupos étnicos.” (SEVCENKO, 1983, p.233) – (Grifos nossos)

O fato de a Geografia buscar nos textos literatos fontes de interpretação e leitura sobre determinado espaço social ou natural, significa também, entre outros fatores, uma maneira instigante de estudo. Toda linguagem leva implícita uma interpretação do mundo e de certo modo contém juízos éticos e estéticos que exercem sua influência sobre a vida social, econômica e política. Entende-se, dessa forma, que o texto literário, como forma de linguagem, busca sempre interpretar o mundo (mesmo no sentido simbólico, ficcional e subjetivo) e apresenta, explicitado ou não, valores e ideias de grupos sociais.

A leitura geográfica das fontes literárias, mesmo ficcional, fornece-nos inúmeros exemplos, nos quais a ideia da espacialidade e a interação deste parâmetro com os fenômenos sociais, econômicos e culturais, conseguem demonstrar uma visão integral do espaço. (WERTHEIM, 2001)

“A literatura por meio do romance – ficção, criação artística –, em sua proposta de nos dar uma visão particular do Mundo – o homem e seu ofício de viver –, tem que se revestir de uma estrutura espaço-temporal. Isso em qualquer tradição cultural, já que espaço-tempo são categorias *a priori*.

‘*Rien n’aura eu lieu que le lieu*’, nos disse o poeta Mallarmé. Em verdade, toda uma trama, um enredo que se desenrola sobre uma cena, tudo que é narrado num romance, acontece (‘tem lugar’) num *continuum* espacial mais ou menos definido, e a participação do leitor – que não é totalmente passiva como na leitura jornalística – tende a identificá-la a uma realidade concreta, ou seja, ‘geográfica’.” (MONTEIRO, 2006, p. 60-61)

Para Hatoum (2008, p. 05) “Guimarães Rosa explorou como poucos a geografia de um lugar”. Na obra de Guimarães Rosa, ao contrário da maioria de nossos escritores regionalistas, o sertão é visto e vivido de uma maneira subjetiva, profunda, e não apenas como uma paisagem a ser descrita, ou como uma série de costumes que parecem pitorescos. Sua visão resulta de um processo de integração total entre o autor e a temática. Dessa integração a linguagem é o reflexo principal. Para contar o sertão, Guimarães Rosa utiliza-se do idioma do próprio sertão, falado por Riobaldo em sua extensa narrativa. Mas como acontece com toda a literatura regional que ultrapassa a simples descrição para situar-se no plano da arte, ela adquire dimensões universais pelo vigor e beleza do texto. Nada mais natural: sendo o homem o tema de toda grande literatura, são os elementos básicos da condição humana que, em última análise, encontramos em *Grande Sertão: Veredas*, no que ela tem de mais fundamental: o amor, a morte, o sofrimento, o ódio, a alegria...

“(...) o sr. Guimarães Rosa como que iluminou, de repente, todo o caminho feito pelos seus antecessores. (...) De Bernardo Guimarães a ele, passando por Afonso Arinos, Valdomiro Silveira, Monteiro Lobato, Amadeu de Queirós, Hugo de Carvalho Ramos, assistimos a *um longo movimento de tomada de consciência, através da exploração do meio humano e geográfico.*” (CANDIDO *apud* CORPAS, 2007, p. 39) – (Grifos nossos)

O espaço romanesco (humanizado ou natural) é decididamente antropológico (BROSSEAU, 2007b).

“Com isso fica claro que o romance (...) é uma forma literária que parece estar sempre se movendo quanto à consideração de seus valores. Dá a impressão de que, na sua estrutura na sua linguagem, nunca se torna definitivo o acabamento da realidade e seus sentidos, pois, a depender do tempo em que se lê, percebem-se novas configurações de textualidade. Pode-se dizer, então, que a forma romance se caracteriza por ser semanticamente incompleta, justamente porque imita a vida, que é, por definição, inacabada no seu curso, estando sempre por fazer-se, renovando-se a cada instante.” (LIMA, 2009, p. 36)

Nos contos, crônicas, romances, poemas, nos mais variados textos criados, há sempre um universo interior e exterior de pessoas que vivem ou viveram num determinado tempo e espaço. Ler os textos escritos e as diversas linguagens inerentes ao ser humano é ampliar o nosso próprio mundo simbólico, é desenvolver nossa capacidade de se comunicar e criticar, enfim, é um ato contínuo de recriação e invenção. “Existe é homem humano. Travessia” (ROSA, 2006, p. 608).

“Não que o ficcional, o imaginário, mítico, metafísico, nele mesmo, substitua o real. Mas é muito provável – como no caso de Guimarães Rosa – que isso venha ‘iluminar’ e ampliar a percepção do geográfico num poema mágico como o *Grande Sertão: Veredas.*” (MONTEIRO, 2006, p. 61)

Na comunicação escrita, ao contrário, a informação - por não ser imediatamente percebida - precisa ser mais explícita, mais completa, para garantir a sua interpretação. Isso é o que acontece quando lemos um romance. O autor precisa apresentar as características dos lugares físico e social onde ocorrem os fatos - o ambiente, o espaço - e as características físicas e psíquicas das personagens, para que o leitor possa interpretar os fatos em uma dada direção.

“O lugar é produto das relações humanas, entre homem e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano do vivido, o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura civilizadora produzindo a identidade. Aí o homem se reconhece porque aí vive. O sujeito pertence ao lugar como este a ele, pois a produção do lugar se liga indissociavelmente à produção da vida. No lugar emerge a vida, posto que aí que se dá a unidade da vida social. Cada sujeito se situa num espaço concreto e real onde se reconhece ou se perde, usufrui e modifica, posto que o lugar tem usos e sentidos em si. Tem a dimensão da vida, por isso o ato de produção revela o sujeito.” (CARLOS, 1996, p.116-117)

Falar do lugar hoje é resgatar a própria Geografia. Segundo Silva (1986), “o lugar não é apenas algo que objetivamente se dá, mas algo que é construído pelo sujeito no decorrer de sua experiência”. Assim, “o lugar é algo que sugere alegria, ou solidão, ou nostalgia ou tensão”. (SILVA, 1986, p.55). O sertão de Guimarães Rosa, apresentado por Riobaldo, é um lugar carregado de subjetividade, tornando-o universal. Guimarães Rosa não se prende ao conceito de lugar como apenas espaço físico ou geográfico despido de sentimentos, de cultura. A identidade de Riobaldo com o lugar, com o espaço vivido, norteia sua travessia pelo sertão, transformando-o no mundo. Do local ao global.

O mundo simbólico se amplia diariamente. A maior parte dos fenômenos, sejam de natureza política, econômica, social ou cultural, fazem parte de um registro contínuo do homem. Também a reinvenção da realidade por meio dos textos literários, que constroem uma nova linguagem, dá-nos a dimensão das emoções, sentimentos, críticas e vivências do homem, em sua contínua busca para o sentido de existência. A Geografia, assim como o sertão, está dentro de nós.

## AS VEREDAS DA CONSTRUÇÃO DA CONSCIÊNCIA ESPACIAL

O texto literário está dentro das concepções do chamado pensamento geográfico, isto é, um discurso produzido pela consciência de espacialidade e deve ser considerado não como objetos, mas como sujeitos com os quais os geógrafos podem dialogar (BROSSEAU, 2007b). Segundo Moreira (2004),

“Normalmente se diz que para entendermos uma obra precisamos contextualizá-la no tempo. Mas não se fala em inseri-la no contexto do espaço. Habitualmente, o espaço fica abstraído da contextualização de uma obra. E, no entanto, a contextualização no tempo só é possível quando a contextualidade no espaço fica estabelecida. Porque não existe tempo fora do espaço, e espaço fora do tempo, uma vez que o real é o espaço temporal.

(...)

Quando se diz que é preciso contextualizar um romance no seu espaço-tempo, está se querendo dizer que é preciso que ele seja visto no âmbito da estrutura da sociedade concreta em que se desenrola a trama de vida de seus personagens.

(...)

... o espaço é a própria estrutura real da história.

(...)

A literatura é uma forma discursiva de geograficidade. Nela, geograficidade é a trama da experimentação de espaço-tempo do personagem grafada na linguagem direta e imediata das significações.” (MOREIRA, 2004, p. 187-193)

Temos que Guimarães Rosa é um dos mais importantes exemplos nacionais de autor que consegue ser, ao mesmo tempo, regional e universal. Embora o cenário de seus textos seja geralmente o sertão mineiro, seu domínio vocabular e as questões existenciais que levanta, conferem a sua obra uma densidade que atinge leitores de todo o planeta.

Em *Grande Sertão: Veredas*, o escritor mineiro expõe a força do lugar, o local e o universal se conjugando como nos atesta Moreira (2004)

“... Grande Sertão: Veredas é a reflexão universalista do ser regionalizado. Os detalhes da flora, da fauna, das reentrâncias e recortes do meio são o dado do sensório que puxa o ser para a regionalidade e por essa via inscreve a concretude da sua universalidade. O sertão é tão mundo e o mundo é o mundo do homem: cada homem do mundo é um Riobaldo à sua maneira.” (MOREIRA, 2004, p. 192)

Podemos encontrar na Literatura uma Geografia não compartimentada no espaço, trazendo as subjetividades-objetividades das relações dos objetos nesse espaço sem cair em reducionismo, tendo seu fim e, mesmo assim, dar sentido e coerência à cultura que envolve o local, dando uma conotação holística, ou seja, uma única narrativa. Resultando assim, um importante diálogo dentro do espaço sobre aspectos reais, narrativa coerente, experiência do lugar e sua formação.

Jogando luz sob o aforismo de Milton Santos de que: “O homem não vê o universo a partir do universo. O homem vê o universo a partir do próprio lugar”, Guimarães Rosa deu uma nova roupagem ao regionalismo, tornando-o universal. Em *Grande Sertão: Veredas*, o escritor nos permite, através da descrição, alcançarmos o sentido do sertão, a construção do todo. A travessia que Guimarães Rosa faz através do caráter insólito e ambíguo do homem, tornando uma experiência individual (Riobaldo) em caráter universal - “o sertão é o mundo”.

“Cada lugar é, à sua maneira, o mundo. (...) Mas, também, cada lugar, irrecusavelmente imerso numa comunhão com o mundo, torna-se exponencialmente diferente dos demais. A uma maior globalidade, corresponde uma maior individualidade.

(...) Cada lugar é, ao mesmo tempo, objeto de uma razão global e de uma razão local, convivendo dialeticamente.” (SANTOS, 1996, p. 252-273)

A narrativa vai ajudando a construir uma imagem do sertão. A linguagem geográfica ajuda a dar sentido à realidade. Temos a visão do todo, mas não o todo sem sentido, descolado da realidade e, sim, experimentado pela pessoa. Desta forma, a Geografia de Guimarães Rosa é fluída.

“Dialeticamente a um só tempo regionalidade e universalidade, ‘o pensamento da gente se forma mais forte do que o poder do lugar’. É o espaço que ‘está em toda parte’ e ‘é do tamanho do mundo’. O redor que é além. O além que é redor. A unidade que enraíza e une na transcendência a diversidade dos pedaços da paisagem do cerrado como espaço-mundo do jagunço.” (MOREIRA, 2004, p. 192)

“Na resenha com que saudou o lançamento de *Grande Sertão: Veredas* (Suplemento Literário de O Estado de S. Paulo, 06 out. 1956), Antonio Candido também assinala como ‘característica fundamental’ do livro comentado a

‘transcendência do regional’. Dez anos depois de seu primeiro contato com a prosa da Guimarães Rosa, o crítico reencontrou na história de Riobaldo o mesmo tipo de operação estética que observara nos contos de estréia do escritor: o inventivo ‘aproveitamento literário do material observado na vida sertaneja’ concorrendo para fazer do romance um dos ‘raros momentos em que a nossa realidade particular brasileira se transforma em substância universal’. Assim como fizera com Sagarana, rapidamente situa Grande Sertão: Veredas na tradição literária do país. Com sua visão historiográfica focada pelo prisma da *dialética local-universal*, identifica um movimento de aproximação e distanciamento com relação ao documentarismo arrogante da ‘ficção regionalística’, de um lado, e, de outro, o tom ‘voluntariamente ingênuo’ de obras modernistas como Macunaíma.” (CORPAS, 2007, p. 40-41)  
– (Grifos nossos)

Revelar as categorias geográficas, dar vida à Geografia por meio da Literatura é buscar compreender o espaço-tempo como modo de ser do homem no mundo. Neste sentido, *Grande Sertão: Veredas* ilustra como uma obra literária pode nos guiar na produção de uma epistemologia geográfica, contribuindo aos estudos deste pensamento. Geograficidade é o “tão-ser” de um “ser-tão-especial” que com ele e por meio dele o geográfico se torna mundo, seja o recorte de sertão em que o homem estiver (MOREIRA, 2004). “O que (...) importa é compreender o sentido que as pessoas dão à sua existência” (CLAVAL, 2002, p. 37). O grau de universalismo que Guimarães Rosa atribuiu ao sertão é claramente explicitado pelo autor: “O sertão está em toda parte”; “O sertão é do tamanho do mundo”. Claro está, portanto, o caráter metonímico desse espaço: a parte (sertão) é metonímia do todo (mundo e/ou vida). A Geografia, assim como o sertão, é do tamanho do mundo e está em toda a parte.

## REFERÊNCIAS

- BEZERRA, Marily da Cunha; HEIDEMANN, Dieter. Viajar pelo sertão roseano é antes de tudo uma descoberta!. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 20, n. 58, p. 7-17. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v20n58/01.pdf>>.
- BOSI, Alfredo. Caminhos entre a literatura e a história. In: **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 19, n.55, p. 315-334. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v19n55/23.pdf>>.
- BROSSEAU, Marc. Geografia e literatura. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Literatura, música e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007a, p. 17-77.
- \_\_\_\_\_. O romance: outro sujeito para a geografia. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Literatura, música e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007b, p. 79-121.
- BUENO, Giselle Madureira. **A luzinha dividida: violência e trauma em Grande Sertão: Veredas**. São Paulo, USP, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2006, 120 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira).
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Publifolha, 2000.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- CASTRO, Iná Elias et al (orgs.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.
- CAVALCANTI, Luciano Marcos Dias. Regionalismo e transfiguração em *Grande Sertão:*

*Veredas*. **Ideação**: Revista do Centro de Educação e Letras da Unioeste - Campus de Foz do Iguaçu. v. 8, n. 8, p. 71-80, jan./jun. 2006.

CLAVAL, Paul. **Geografia cultural**. Trad. Luíz F. Pimenta & Margareth C. A. Pimenta. Florianópolis: Editora UFSC, 1999.

\_\_\_\_\_. A revolução pós-funcionalista e as concepções atuais em geografia. In: MENDONÇA, F.; KOZEL, S. (orgs.). **Elementos de epistemologia da geografia contemporânea**. Curitiba-PR: Ed. UFRP, 2002, p. 11-43.

CORPAS, Danielle dos Santos. **O jagunço somos nós**: visões do Brasil na crítica de Grande Sertão: Veredas. Rio de Janeiro, UFRJ, Faculdade de Letras, 2006. 270 f. Tese (Doutorado em Teoria Literária).

CÔRREA, Roberto Lobato. **Região e organização espacial**. São Paulo: Ática, 1986.

\_\_\_\_\_. Espaço: um conceito-chave da geografia. In: CASTRO, Iná Elias et al (orgs.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, pp. 15-47.

CORRÊA, Roberto Lobato & ROSENDAHL, Zeny (orgs.) **Paisagens, textos e identidade**. Rio de Janeiro: UERJ, 2004.

\_\_\_\_\_. **Literatura, música e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007a.

\_\_\_\_\_. **Introdução à Geografia Cultural**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007b.

FERES, Anaximandro Lourenço Azevedo; SANTOS, Anderson Avelino. **A literatura desafia o direito**: Grande Sertão: Veredas: uma antecipação do problema sócio-político de segurança pública no Brasil. Disponível em: <[http://conpedi.org/manaus/arquivos/anais/bh/anaximandro\\_lourenco\\_azevedo\\_feres3.pdf](http://conpedi.org/manaus/arquivos/anais/bh/anaximandro_lourenco_azevedo_feres3.pdf)>.

FERREIRA DO VALE, José Misael. Geografia e poesia. **Ciência Geográfica**, ano XII, vol. XII, n.1, p. 4-12, jan./jun. 2007.

FILHO, Hélio de Mello. **Caso e romance**: gênero e sociedade em Grande Sertão: Veredas. São Paulo, USP, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2005, 162 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira).

MENEGHETTI FILHO, Ítalo. Por uma epistemologia do espaço ficcional em literatura: a geografia do afeto. Disponível em: <<http://www.ciencialit.letras.ufrj.br/garrafa7/4.html>>.

GALVÃO, Walnice Nogueira. **Guimarães Rosa**. São Paulo: Publifolha, 2000.

HATOUM, Milton. **Caderno MAIS!**. Folha de São Paulo, 22 jun. 2008.

LIMA, Roberto Sarmiento. Era no tempo do rei. In: \_\_\_\_\_. **Língua Portuguesa: conhecimento prático**. São Paulo: Escala, 2009, p. 34-38.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. O romance entre o espaço geográfico e o tempo histórico-social: das matrizes gilbertianas a outros avanços. In: SEMINÁRIO DE TROPICOLOGIA: trópico e história social, 1988, Recife. **Anais...** Disponível em: <[http://www.tropicologia.org.br/CONFERENCIA/1988romance\\_espaco.html](http://www.tropicologia.org.br/CONFERENCIA/1988romance_espaco.html)>.

\_\_\_\_\_. O espaço iluminado no tempo volteador (*Grande sertão: veredas*). **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 20, n. 58, p. 47-64. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v20n58/04.pdf>>.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Geografia: pequena história crítica**. São Paulo: Hucitec, 1983.

\_\_\_\_\_. **Ideologias geográficas**. São Paulo: Hucitec, 1988.

\_\_\_\_\_. **A gênese da geografia moderna**. São Paulo: Hucitec-Annablume, 2002.

MOREIRA, Ruy. A Geografia serve para desvendar máscaras sociais. In: \_\_\_\_\_. **Geografia: teoria e crítica: o saber posto em questão**. Rio de Janeiro: Vozes, 1982, pp.

33-63.

\_\_\_\_\_. Categorias, conceitos e princípios lógicos para (o ensino e método de) uma Geografia dialeticamente pensada. In: DO VALE, et al. (org.) José Misael Ferreira. **Escola Pública e Sociedade**. São Paulo: Saraiva/Atual, 2002, pp. 194-203.

\_\_\_\_\_. Ser-tões: o universal e o regionalismo de Graciliano Ramos, Mário de Andrade e Guimarães Rosa (Um ensaio sobre a geograficidade do espaço brasileiro). In: **Revista Ciência Geográfica**, Bauru, ano X, v. X, n. 3, p. 186-194, set./dez. 2004.

\_\_\_\_\_. **Para onde vai o pensamento geográfico?:** por uma epistemologia crítica. São Paulo: Contexto, 2006.

\_\_\_\_\_. **Pensar e ser em geografia:** ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

RONCARI, Luiz. **O Brasil de rosa:** o amor e o poder. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

ROSA, João Guimarães. **Sagarana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

\_\_\_\_\_. **Grande sertão:** veredas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). **Matrizes da geografia cultural**. Rio de Janeiro: UERJ, 2001.

SANTOS, Douglas. **A reinvenção do espaço:** diálogos em torno da construção do significado de uma categoria. São Paulo; Unesp, 2002.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço:** técnica e tempo, razão e emoção. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

SEVCENZO, Nicolau. **Literatura como missão:** tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SILVA, Armando C. Fenomenologia e geografia. **Revista Orientação**. São Paulo: Departamento de Geografia/ USP. n. 7, p. 53-56. 1986.

SILVESTRE, Adélia. **As terceiras margens:** outros espaços na obra de João Guimarães Rosa. Disponível em: <[http://www.lai.fu-berlin.de/disziplinen/brasilianistik/veranstaltungen/symposium\\_jgrosa/essaywettbewerb/Isabel\\_von\\_Holt\\_As\\_terceiras\\_margens.pdf](http://www.lai.fu-berlin.de/disziplinen/brasilianistik/veranstaltungen/symposium_jgrosa/essaywettbewerb/Isabel_von_Holt_As_terceiras_margens.pdf)>.

SOJA, Edward W. **Geografias pós-modernas:** a reafirmação do espaço na teoria social crítica. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

SOUZA, Álvaro José de. **Geografia lingüística:** liberdade e dominação. São Paulo: Contexto, 1990.

SPÓSITO, Eliseu S. **Geografia e filosofia:** contribuição para o ensino do pensamento geográfico. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar:** a perspectiva da experiência. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.

VILARINHOS, Maria Lúcia Ribeiro. Literatura, Território e Imaginário: a ausência da palavra sertão nos romances do Rio Grande do Sul. **Revista da ANPEGE**, São Paulo, v. 3, p. 87-93. 2007.

VITTE, Antonio Carlos (org.). **Contribuições à história e à epistemologia da geografia**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

\_\_\_\_\_. A ciência geográfica: da descoberta da Terra às mutações do mundo. **Geografia**, São Paulo: Escala Educacional, n. 26, p. 8-9. 2009.

WERTHEIM, Margaret. **Uma história do espaço:** de Dante à internet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.